

Recordar o

# 25 de Abril

Através de uma coleção de cartazes



# SENTINELA DO POVO



ANA MACHADO

ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL/CENTRO DE  
DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

ABRIL 2015



Francisco Madeira Luís  
© foto retirada do site da Universidade de Aveiro

O Centro de Documentação e Informação (C.D.I.) do Ecomuseu Municipal do Seixal dispõe de um conjunto relevante de cartazes no seu acervo, resultante da incorporação de documentos de diferentes proveniências. Muitos destes materiais gráficos pertencem ao Fundo Antigo da Câmara Municipal do Seixal, integrado no museu, nos anos 80, aquando da sua criação, sendo acondicionado, preservado e gerido através do seu Centro de Documentação e Informação. A doação de cerca de 10.000 cartazes de Francisco Madeira Luís à Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu, com diversas tipologias, formatos e áreas temáticas também contribuiu em muito para o enriquecimento da coleção destes exemplares no CDI. Salientam-se ainda os cartazes que têm sido incorporados no Centro de Documentação e Informação do EMS, ao longo da sua existência, tratando-se por isso de uma coleção em permanente atualização e crescimento, reunindo muitos exemplares editados pela Câmara Municipal após o 25 de Abril de 1974.

Nestes documentos encontramos temáticas diversas, de carácter generalista, embora predominem os conteúdos relacionados com as «áreas política, social e cultural nos mais diferenciados domínios de intervenção nomeadamente partidos e campanhas políticas, organizações e actividades de defesa do ambiente, desporto, recursos naturais, educação, justiça, defesa, direitos e intervenção cívica, transportes, ensino, emprego, teatro, cinema, audiovisuais, artes plásticas e decorativas, música, património cultural, museus, artes e tradições populares, história, efemeridades, turismo gastronomia, actividades de cultura e recreio, actividades económicas e comerciais, entre outras.»<sup>1</sup>

Para esta exposição seleccionámos apenas uma pequena parcela destes cartazes, alusivos ao 25 de Abril, que pela sua história e pertinência, melhor nos ajudam a conhecer as representações associadas a esta revolução, sendo alguns deles importantes testemunhos históricos da realidade vivida e da iconografia dessa época.

Entre esses cartazes, salientamos sobretudo os doados pelo colecionador particular Francisco Madeira Luís ao Ecomuseu Municipal do Seixal, na década de 2000, por se revelarem documentos de grande interesse, alguns deles assinados por grandes artistas plásticos nacionais.

De referir que Francisco Madeira Luís constituiu e organizou uma das mais completas coleções de cartazes portugueses, editados no último quartel do séc. XX, tendo sido a partir dos anos 60, que este colecionador iniciou um trabalho sistemático de recolha, investigação e pesquisa de documentação gráfica, orientada sobretudo para as áreas do Teatro, das Artes Plásticas, salientando-se um interesse especial pelos cartazes.

Nos anos 70, Madeira Luís continuou a desenvolver esta recolha, e como técnico da «Direcção-Geral de Acção Cultural [da Secretaria de Estado da Cultura],

1 - "O acervo documental do Ecomuseu e o legado de António Lopes Ferreira". Ecomuseu Informação. ISSN 0873-6197. Nº. 23 (Abr./Mai./Jun. 2002), p. 12-13.

consegue de modo institucional e sistemático dar continuidade ao projecto de recolha de cartazes, reunindo cerca de 150.000 exemplares, destinados a várias Bibliotecas da Rede Pública, para estudo, fruição e conhecimento»<sup>2</sup>.

Madeira Luís colecionou cartazes de várias temáticas, destacando-se os políticos, sobretudo enquanto desempenhava funções na Comissão Nacional de Eleições. Recolheu materiais gráficos com várias temáticas, salientando-se também os materiais gráficos relacionados com as temáticas da arqueologia industrial, nomeadamente nos domínios do vidro e do ferro fundido.

A sua coleção de cartazes foi recolhida desde a época de 60 até ao ano de 2000<sup>3</sup>.

2 - UNIVERSIDADE DE AVEIRO – Francisco Madeira Luís. [Consult. em 31-03-2015]. Disponível em WWW: <http://www.ua.pt/sbidm/museu/PageText.aspx?id=11741>.

3 - Além do Centro de Documentação e Informação do EMS, outras foram as entidades beneficiadas com as doações deste colecionador, incluindo-se entre elas: a Biblioteca Nacional, as Universidades de Aveiro e da Beira interior, algumas bibliotecas Municipais, entre outras instituições.

## 2. Os cartazes no contexto do 25 de Abril

Parte da história do 25 de Abril foi escrita nas paredes das ruas, numa explosão de cor e de mensagens, que marcaram a rutura com outros tempos marcados pela censura e pelo obscurantismo da repressão ditatorial. Até à data da revolução, os cartazes eram escassos, proliferando sobretudo o cartaz publicitário, de propaganda, ou promotor de regiões de turismo portuguesas. A falta de liberdade de expressão imposta pelo Estado Novo condicionava assim que a produção gráfica deste tipo de materiais obedecesse a determinados cânones, a tipologias e formatos<sup>4</sup>.

Com o deflagrar da liberdade, novas formas de comunicação se assumem, «a energia contida sob a opressão, explodiu subitamente e o País, nas estradas, nas cidades, nas aldeias fica repleto de inscrições quase de um dia para o outro (...), inundado por uma autêntica “explosão de visualismo”<sup>5</sup>».

É neste contexto histórico que se produzem milhares de cartazes, que cobrem o espaço público do país, de lés a lés, assumindo-se como o grande escaparate da liberdade de expressão, transmitindo palavras de ordem e de mobilização, plenas de emoção. Neste tempo, pautado por uma nova esperança e pelo eclodir de um pensamento livre, os cartazes transformaram-se numa das mais poderosas ferramentas de comunicação às massas. Apesar do cartaz poder parecer ser o meio menos vocacionado para a expressão espontânea dos factos, a verdade é que o tempo corria rápido nesses dias, e por isso os cartazes fixaram alguns dos momentos precisos e fugazes que então se viviam, repletos de euforia e sentimento de libertação. «Estavam lá as ideias fortes dos movimentos sociais, mas também se divulgavam causas concretas e particulares, de âmbito local ou de pendor internacionalista»<sup>6</sup>.

O encanto e a paixão da mensagem, que caracterizava os primeiros cartazes de 1974, viria, no entanto, a modificar-se, com a normalização da ação cívica e política, perdendo parte do seu caráter interventivo, pleno de utopia, idealismo e vitalidade.

«O cartaz político passou a ser uma expressão artística, cujo campo de acção se desenrola essencialmente na rua, porque é nomeadamente neste espaço que ele é exposto ao olhar de milhares de pessoas, mostrando uma mensagem que o destinatário facilmente pode fruir e exercendo assim uma acção directa nos sentidos do observador. (...) No nosso país, nunca o cartaz tivera uma aplicação tão vasta, tanto em termos comunicativos como estéticos, funcionando como um objecto de mediação com o grande público»<sup>7</sup>.

Com o passar dos anos, os cartazes políticos, deixaram de ter o fulgor dos primeiros anos em democracia, tornaram-se mais pequenos, «transformaram-se em autocolantes, ganharam em quantidade, vulgarizaram-se (...)»<sup>8</sup>, perdendo-se a visibilidade dos tempos em «que a rua era um grande palco.»<sup>9</sup>



Cartaz de Helena Vieira da Silva

4 - Cf. BIBLIOTECA NACIONAL - 300 Anos do cartaz em Portugal. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1975-1976.

5 - COSTA, Orlando da - "A Cor da Revolução". In LISBOA 94 - A Cor da Revolução. Lisboa : L. Capital Europeia da Cultura ; Milão : Electa, 1994. p. 11.

6 - DIÁRIO DE NOTÍCIAS (Ed.) - 25 de Abril, 30 Anos, 100 Cartazes. Lisboa: Diário de Notícias, 2004, p.7.

7 - RODRIGUES, Sofia Leal - "Cartazes do 25 Abril". Arte e Técnica. Nº2 (2001), p.138.

8 - PIMENTEL, Rui - "A Cor de Abril". In MASCARENHAS, João Mário - A Cor de Abril, 1974-2004, 30º Aniversário do 25 de Abril. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Bibliotecas Municipais, 2004. p.11.

9 - Ibidem, pág.11.

## 2.1 Os cartazes produzidos pelos artistas plásticos

Numa primeira fase do processo revolucionário, os artistas plásticos envolveram-se intensamente na produção de cartazes, salientando-se alguns nomes como os de Helena Vieira da Silva, Marcelino Vespeira, João Abel Manta, Artur Bual, Artur Rosa, Augusto Cid, Sebastião Rodrigues, entre outros.

Para tal terá contribuído também a dinamização de instituições artísticas, como a Sociedade Nacional de Belas Artes, a Gravura, a Árvore e outros centros de resistência cultural antifascista.

Em maio de 74, a SNBA organizou várias reuniões com artistas plásticos, com diferentes formações, surgindo daí grupos de intervenção artística, que pretendem interferir na política cultural do país, sendo neste contexto que foi formado o Movimento Democrático de Artistas Plásticos.

«A arte deixou então de ser um acto solitário, isolado para ser uma criação de muitos para muitos, abriu-se numa generosidade só possível em momentos de muita esperança e grande libertação, passou a ser colectiva, contraditória, provocadora, e nesse contexto, também agressiva e violenta»<sup>10</sup>.

De salientar neste período, a intervenção dos artistas que, a 28 de maio de 74, invadem o Palácio Foz, em Lisboa, ocultando com panos negros a estátua de Salazar, de autoria de Francisco Franco, sob o slogan «a arte fascista faz mal à vista», de autoria de Marcelino Vespeira. Refira-se ainda a jornada de Solidariedade dos artistas com o MFA, no dia 10 de junho do mesmo ano, da qual resultou a realização de um painel coletivo de enormes dimensões (4,5mx24 m), produzido por 48 artistas, na Galeria de Arte Moderna de Belém.

Na produção de cartazes, um dos nomes mais mediáticos e um dos primeiros a ilustrar a esperança de Abril foi o de Helena Vieira da Silva, artista plástica portuguesa, com naturalidade francesa, desde 1956, residente em Paris desde longa data.

A pedido da escritora Sophia de Mello Breyner, Vieira

da Silva concebeu dois cartazes inspirada pelo movimento das gentes nas ruas, onde proclama «A poesia está na rua». Os cartazes produzidos por esta artista, não obedecem tanto aos imperativos de ordem cartazista, assentes na sua função comunicativa, enfatizando-se a sua componente estética e pictórica «através de uma linguagem abstracta de dimensão poética»<sup>11</sup>.

Entre os cartazes existentes na coleção documental do Centro de Documentação e Informação, do EMS, com temática alusiva ao 25 de Abril, encontramos os três cartazes produzidos por Helena Vieira da Silva, nesta época histórica.



Cartazes de Helena Vieira da Silva

10 - PIMENTEL, Rui – “A Cor de Abril”. In MASCARENHAS, João Mário - A Cor de Abril, 1974-2004, 30º Aniversário do 25 de Abril. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Bibliotecas Municipais, 2004. p. 11.

11 - TCHEN, Adelaide Ginga – “A arte Liberta de Vespeira”. História. N.º 23 (mar. 2000), p.59.

## 2.2 Os cartazes do Movimento das Forças Armadas

Alguns dos artistas plásticos envolvidos no processo revolucionário que grassava no país, participaram ativamente no apoio ao Movimento das Forças Armadas (MFA), nomeadamente nas campanhas de Dinamização Cultural e Ação Cívica, através da produção de cartazes, no intuito de conquistar o povo e aproximar as forças armadas à população.

Marcelino Vespeira, figura de referência do movimento surrealista em Portugal, colaborou ativamente em vários acontecimentos e iniciativas que marcaram o período imediato da revolução, como foi a construção do mural coletivo, do dia 10 de junho de 74. Terá sido nessa ocasião que o artista foi convidado a dar o seu contributo artístico ao MFA, através do sector de Artes Plásticas da Comissão Dinamizadora Central, tendo sido autor de três cartazes. O cartaz mais conhecido e com maior tiragem nesse período, cerca de um milhão de exemplares, foi criado em dezembro de 1974 por Marcelino Vespeira, onde surge pela primeira vez o símbolo do MFA, o qual surge no centro da composição, em destaque.



Cartaz de Marcelino Vespeira

«Em fundo, o azul do mar envolve um círculo branco, símbolo de unidade com cor de paz; dentro do círculo uma flor vermelha que irrompe de um fruto aberto em V de vitória, com os tons da bandeira portuguesa,

nascido da terra castanha, onde se inscreve a sigla MFA a vermelho; em título a seguinte conjugação de palavras: flor-libertação; fruto-democracia; semente-o socialismo. O MFA é assim apresentado como a raiz de uma semente – o socialismo – que gera fruto- a democracia- do qual nasce a flor [cravo] – libertação.<sup>12</sup>»

Na coleção de cartazes do CDI, possuímos um cartaz semelhante a este, de autoria de Marcelino Vespeira, editado pela Dinamização Cultural e Ação Cívica do MFA, mas a composição não apresenta qualquer slogan, o que poderá significar ser uma outra versão do cartaz original.

O segundo cartaz realizado por Marcelino Vespeira, que não consta da coleção de cartazes do CDI, foi realizado no âmbito das primeiras eleições para a Assembleia Constituinte. Na sequência disso, o MFA apelou ao voto da população, como forma de salvaguardar a luta pela revolução. O cartaz de Vespeira apresenta uma composição gráfica original, em forma de tabuleiro, onde surgem as palavras «povo» e «voto».

Ainda em 1975, Marcelino Vespeira criou outro cartaz, no qual reforça a ideia de poder popular. Com um fundo amarelo, o cartaz exibe as palavras «poder popular/unidade revolucionária» em cor verde e vermelho, possuindo uma rosácea na parte superior, composta por “pês”, entrelaçados em várias posições<sup>13</sup>. Este cartaz viria no entanto, a ter uma tiragem limitada, devido aos acontecimentos precipitados pelo 25 de Novembro.

Estes cartazes de Marcelino Vespeira investidos de bastante originalidade distinguem-se dos restantes produzidos na época por possuírem «uma maior capacidade de adaptação à linguagem e exigências do cartaz e uma maior intencionalidade na afirmação de uma linguagem plástica»<sup>14</sup>. Neste sentido, a produção gráfica deste artista plástico encontra-se, por isso, «mais próxima dos objectivos e

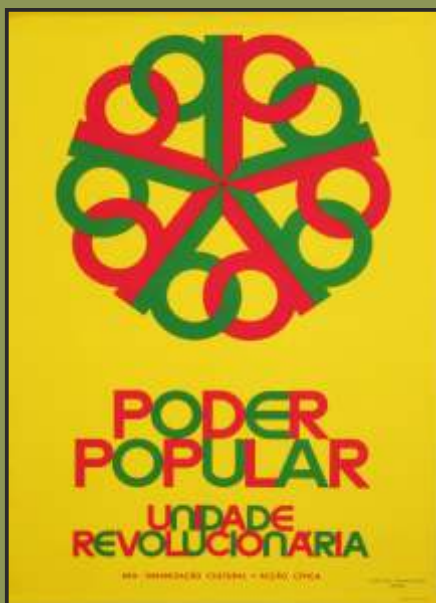
12 - Ibidem, pág. 60.

13 - Ibidem, pág. 61.

14 - CARVALHO, Anabela et al. – “Cartazes numa Época em Mudança”. In LISBOA 94 – A Cor da Revolução. Lisboa : L. Capital Europeia da Cultura ; Milão : Electa, 1994.p.13.

## 2.2 Os cartazes do Movimento das Forças Armadas

num cartaz, adaptando-o de uma forma mais coerente às exigências estéticas e formais.»<sup>15</sup>



Cartaz de Marcelino Vespeira

João Abel Manta é outro dos artistas plásticos que cooperou ativamente na produção de cartazes do MFA, assinando quatro cartazes, entre os finais de 1974 e o verão de 1975, que ganharam enorme notoriedade na época. Nos cartazes, produzidos para a 5ª Divisão do MFA, os desenhos denotam um estilo próprio e característico, com um tom humorístico, o que advém da sua prática como cartoonista, com fortes influências da caricatura portuguesa e do legado artístico de Rafael Bordalo Pinheiro. «Os seus desenhos caracterizam-se sobretudo pela representação de figuras estilizadas e simplificadas, envoltas em contornos bem definidos, que adquirem uma pronunciada presença visual, conferindo às suas figuras um enorme poder comunicativo.»<sup>16</sup>

Nos seus cartazes, à semelhança das caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro, o povo surge também sempre representado, utilizando em alguns casos, como imagem referencial, um barrete.

No quadro das Campanhas de Dinamização Cultural, Abel Manta foi autor de quatro cartazes, os quais se encontram todos representados na coleção de

cartazes do CDI.

São eles: “MFA- Povo /Povo MFA” (1974); MFA - Sentinela do Povo” (1975); “O Povo está com o MFA” (1975); “Povo – Vasco-MFA” (1975); e um cartaz editado pelo CODICE<sup>17</sup> e pelo Sindicato de Bancários “Nova Banca ao Serviço do Povo” (1975).

No primeiro cartaz “MFA, Povo, Povo, MFA», o autor apresenta o seu lado mais humorístico, num jogo de semelhanças e diferenças, dotadas de uma certa ironia, entre as figuras do camponês e do militar, que praticamente se confundem, parecendo idênticos, sobretudo ao nível da representação dos rostos.

«O objectivo de Abel Manta é dar-nos a ideia da unidade entre o militar e o homem do povo, de tal forma que ele chega a trocar alguns dos atributos de cada personagem, representando o soldado com um barrete saloio e o camponês com uma boina militar, criando-se assim, um jogo lúdico na decifração e identificação dos personagens»<sup>18</sup>. No slogan utilizado neste cartaz, “MFA, Povo, Povo, MFA», Abel Manta acentua «a troca de posições, [o que] corresponde precisamente às trocas que ele efectua ao nível das duas personagens representadas, acentuando assim, a sua ligação entre elas.»<sup>19</sup>



Cartaz de Abel Manta

15 - RODRIGUES, Sofia Leal – “Cartazes do 25 Abril”. Arte e Técnica. Nº2 (2001), p. 139.

16 - Ibidem, p.141.

17 - O Programa de Dinamização Cultural foi coordenado pela Comissão Dinamizadora Central (CODICE), estrutura da 5ª Divisão do Estado-Maior General das Forças Armadas, em colaboração com a Direcção-Geral da Cultura e Espetáculos.

18 - RODRIGUES, Sofia Leal – “Cartazes do 25 Abril”. Arte e Técnica. Nº2 (2001), p. 141.

19 - Ibidem, p. 141.



## 2.2 Os cartazes do Movimento das Forças Armadas

Em “MFA, Sentinela do Povo” e em “ O Povo está com o MFA”, ambos produzidos em 1975, João Abel Manta retoma a representação do povo e dos militares. Em ambos os cartazes a sigla do MFA ocupa a estrutura central da composição gráfica, surgindo no primeiro cartaz referido como uma «enorme muralha que protege uma família de camponeses perante o olhar vigilante do soldado»<sup>20</sup>. No segundo cartaz, o «militar desce ao plano das figuras, que sobrepostas na sigla MFA, a este se dirigem estendendo-lhe os braços, oferecendo alimentos e outros objectos, numa invocação directa da ruralidade, feita também pela introdução de elementos que remetem para a economia camponesa.»<sup>21</sup>



Cartaz de Abel Manta

Os outros dois cartazes “Povo – Vasco-MFA” e “Nova Banca ao Serviço do Povo”, ambos datados de 1975 mantêm o mesmo estilo cartoonístico, sendo o primeiro uma versão gonçalvista do primeiro cartaz produzido pelo autor, figurando o general Vasco Gonçalves entre um camponês militarizado e um militar popularizado. Este cartaz exulta a banca nacionalizada, representando a porta de uma caixa forte que se abre aos trabalhadores, na construção de um novo futuro democrático.

20 - CARVALHO, Anabela et al. – “Cartazes numa Época em Mudança”. In LISBOA 94 – A Cor da Revolução. Lisboa : L. Capital Europeia da Cultura ; Milão : Electa, 1994. p. 13.

21 - ALMEIDA, Sónia Vespeira – “A caminhada até às aldeias: A ruralidade na transição para a democracia em Portugal”. Etnográfica. ISSN 0873-6561. Nº 11 (2007), p. 115.



Cartazes de Abel Manta

Nos cartazes editados pelo MFA, no âmbito das Campanhas de Dinamização Cultural e Ação Cívica, destaca-se também o de Artur Rosa, de 1975, “Povo/ MFA, A revolução em Marcha”, que figura na coleção de cartazes do CDI. Este cartaz apresenta uma linguagem simples, mas com um enorme poder comunicativo, representando as letras «Povo», em forma de carro, em andamento, o qual sustenta quatro bandeiras nacionais.

## 2.2 Os cartazes do Movimento das Forças Armadas

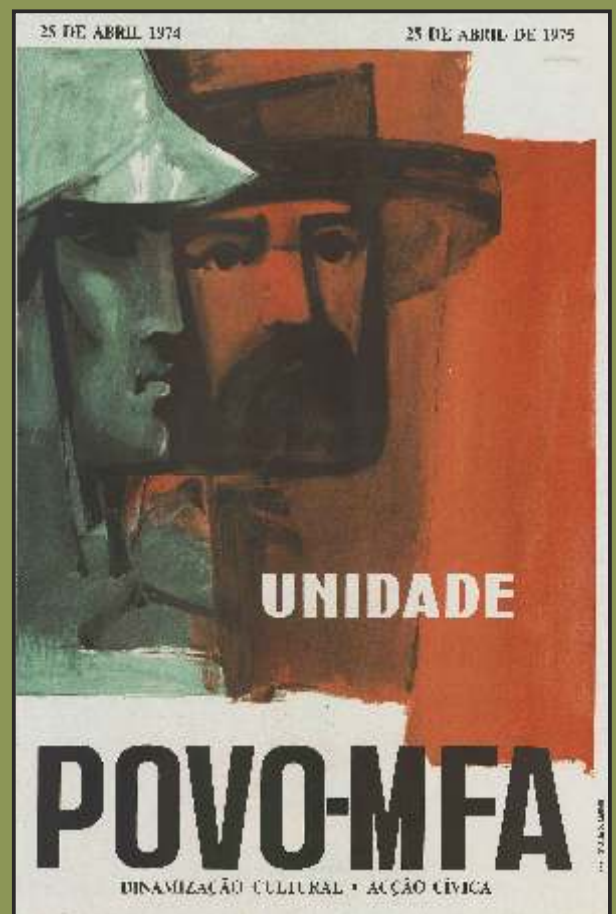
Na coleção de cartazes do CDI, editados pelo MFA, salientamos ainda o cartaz de Rogério Amaral, que também realizou muitas ilustrações para cartazes do PCP, datado de 1975, com o retrato de dois camponeses, e um outro, realizado por uma criança na época que representa os militares e as crianças celebrando a vitória da revolução.



Cartaz de Artur Rosa



Cartaz editado pelo MFA  
desenho realizado por Catarina João, com 8 anos



Cartaz de Rogério Amaral



Cartaz de Sebastião Rodrigues

Os cartazes produzidos no contexto social do 25 de Abril, revelam influências diversificadas, consoante a formação artística e as práticas de cada criador, encontrando-se cartazes de maior qualidade gráfica e plasticidade em relação a outros, esteticamente pouco apelativos, de cariz amador.

Os cartazes produzidos por designers gráficos são relativamente raros, por não existirem muitos profissionais formados nesta área nesta época, sendo que os poucos que encontramos são posteriores a 1974. Estes trabalhos são caracterizados por uma «expressão gráfica mais precisa e rigorosa que revela uma maior intencionalidade em termos compositivos.»<sup>22</sup>

Destes cartazes, salientamos o de Sebastião Rodrigues, em 1977, que encontramos na coleção do CDI. Neste cartaz, editado pela Secretaria de Estado

bandeira nacional, num retângulo dividido em verde e vermelho, possuindo no centro da composição um “V”, símbolo da vitória do 25 de Abril. Trata-se de um cartaz muito simples, mas com uma mensagem clara e direta. Poucos são os cartazes produzidos por designers gráficos, salientando-se ainda os nomes de Robin Fior e Manuel Paula, que também produziram cartazes políticos nesta altura.

22 - RODRIGUES, Sofia Leal – “Cartazes do 25 Abril”. Arte e Técnica. Nº2 (2001), p.142.

## 2.4 Os cartazes anónimos

Falamos até aqui dos cartazes assinados com autoria reconhecida, elaborados por artistas plásticos conceituados. Mas, a grande maioria dos cartazes concebidos neste período não foram assinados ou datados, existindo um anonimato autoral da maior parte das obras produzidas.

Com a criação dos vários partidos, os cartazes multiplicaram-se, dispararam em quantidade, repetindo-se mensagens e informações, sobrepondo-se pelas ruas do país. Tal facto, teve como consequência uma diminuição da qualidade gráfica e estética dos cartazes, resultante do amadorismo de muitos dos seus autores. Na verdade, muitos destes criadores eram autodidatas, entusiastas pela causa da democracia, sem formação adequada, que «trabalharam livre e desinteressadamente, movidos pela vontade de ajudar»<sup>23</sup>. O anonimato dos cartazes deve-se também a cânones estéticos e ideológicos assumidos pelos partidos, que seguem uma determinada linha gráfica, permitindo distingui-los entre si, com uma simbologia própria que os identifica. Neste sentido, integram-se os contributos numa espécie de autoria comum, defendendo-se o coletivismo em detrimento de manifestações individuais.

23 - SANTOS, Rosa - O Grafismo dos Cartazes Político-Partidários em Portugal 1969-1980. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, 2005. Dissertação de mestrado. p. 79.

### 3. Os símbolos dos cartazes do 25 de Abril



Cartaz de Marcelino Vespeira

Muitos dos cartazes surgidos no pós 25 de Abril ou comemorativos desta data utilizam imagens, símbolos e slogans semelhantes, sendo muito recorrente a sua utilização nos materiais gráficos da época.

Um dos ícones mais comuns da revolução de Abril é o cravo vermelho, sendo um elemento comum na grande maioria dos cartazes. Muitas são as histórias que se contam sobre as origens deste símbolo da revolução, alguns associam-no a uma florista na baixa lisboeta que terá distribuído cravos aos populares e aos militares, porém a história que melhor se conhece sobre este símbolo é a de "Celeste dos cravos", como ficou conhecida desde essa data.

Consta que nesse dia, o restaurante em que trabalhava Celeste Caeiro, na rua Braancamp, completava o seu primeiro aniversário.

O seu proprietário tinha decidido enfeitar o estabelecimento com cravos vermelhos, para oferecê-los aos

clientes, mas devido aos tumultos que grassavam na cidade, o mesmo acabou por ser encerrado, fazendo com que Celeste regressasse a casa, e por decisão do patrão, fosse carregada com os cravos. Ao chegar à Rua do Carmo, em plena baixa lisboeta, foi interpelada por um soldado que lhe pediu tabaco, como ela não tinha, decidiu oferecer-lhe antes um cravo. Ele recebeu-o e entusiasticamente colocou-o no cano da sua espingarda. Este gesto foi repetido por outros militares que se aproximaram de Celeste para receber cravos vermelhos.

Com estes episódios, batizou-se esta ação militar como a revolução dos cravos, estando desde aí associados ao dia que devolveu ao país a democracia, e por isso é um elemento que se encontra com frequência nos cartazes e nas sessões comemorativas da revolução.<sup>24</sup>



Cartaz de Sebastião Rodrigues

24 - Recorde-se que um dos primeiros artistas plásticos a utilizar o cravo vermelho como símbolo das Forças Armadas foi Marcelino Vespeira, no primeiro cartaz que produziu para o MFA.

### 3. Os símbolos dos cartazes do 25 de Abril

Além da conotação relacionada com estas histórias reais, existem outras interpretações iconográficas sobre o cravo, como a que refere Eduardo Camilo, aludindo ao contexto revolucionário do Chile no início dos anos 70:

« (...) a sua apropriação e banalização, o seu aparecimento como símbolo da «instauração do regime democrático e do 25 de Abril» parece-nos estar profundamente integrado em paradigmas culturais e políticos existentes na época, residindo neles a sua dimensão motivacional. O cravo vermelho foi igualmente utilizado no Chile como símbolo político, provavelmente associado à vitória de Salvador Allende (...) estando intimamente associada a uma ideologia pacifista vigente nos finais da década de 60. (...) esta ideologia pacifista opõe ao poder das armas “o poder das flores” (“flower power”).<sup>25</sup>

Tal como o cravo, a representação do “V” de vitória é outro símbolo muito significativo nos cartazes do 25 de Abril, pois foi com este gesto que os militares festejaram o triunfo desta ação. No que aos cartazes diz respeito, encontramos variadas representações deste gesto, sendo o de Sebastião Rodrigues, já referido anteriormente, sobejamente conhecido.

Outro elemento bastante representado nestes cartazes é o povo, figurado na sua condição de trabalhador, seja campesino ou operário, seja isolado, ou em concentrações e desfiles. Este povo, retratado numa amálgama compacta de pessoas, ganha um outro ímpeto, reforçando o seu espírito coletivo e de entreatajuda, baseado na luta por ideias comuns. A representação de uma multidão em desfile é, muito utilizado sobretudo em cartazes que anunciam e divulgam comícios e manifestações para comemorar Abril.

A pomba branca é outra figura simbólica presente em alguns dos cartazes produzidos após a revolução, podendo interpretar-se a pomba como um atributo de paz e de harmonização entre os portugueses.

Exemplo disso é o cartaz do 25 de Abril da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, por estar associado ao Ano Internacional da Paz, em 1986, ou o cartaz alusivo aos 32 anos da revolução, intitulado “25 de Abril: Juntos pela Paz”, editado pela Câmara Municipal do Seixal, em 2006. Contudo, este símbolo pode ter outras interpretações, além da paz, e da reconciliação, sendo também considerado um sinal de viragem, transformação, «emergência de novos tempos»<sup>26</sup>.

A representação do sol também figura em alguns cartazes da época, sendo considerado um «símbolo iconográfico relacionado com os ideais da Revolução Francesa»<sup>27</sup>. O sol que, quando nasce é para todos, representa assim a luz, a esperança a liberdade, a democracia e a inspiração, associando-se a ideias de mudança e de iluminação, depois de uma longa noite de ditadura e repressão.



Cartaz ilustrado com símbolo da pomba

25 - CAMILO, Eduardo J. M – O cartaz Partidário em Portugal (1974-1975). Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2004. p. 361.

26 - Ibidem, pág. 362.

27 - Ibidem, pág. 359.

### 3. Os símbolos dos cartazes do 25 de Abril



Cartazes ilustrados com símbolo da pomba

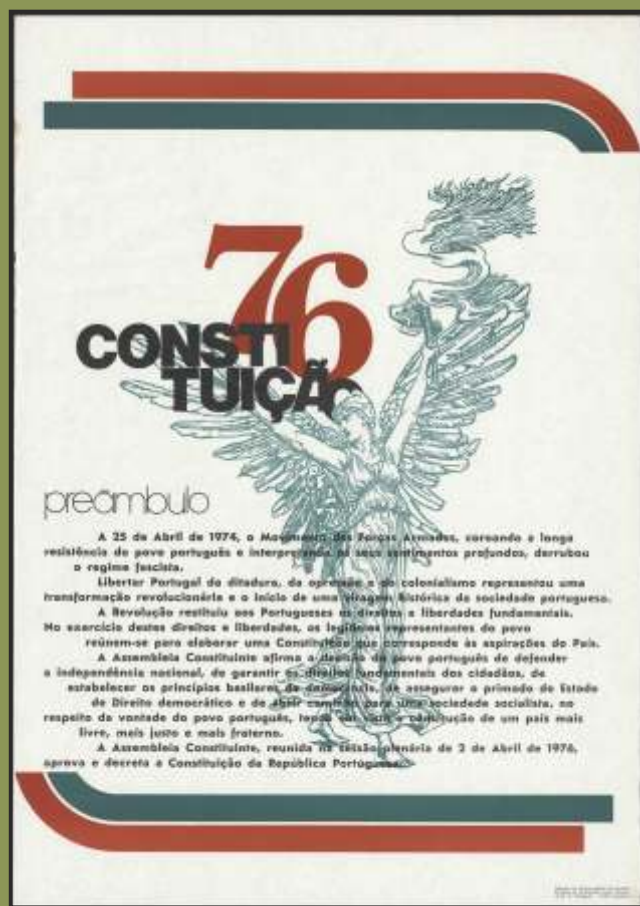


Cartaz de Vasco Berardo



Cartaz assinado por Cecília

## 4. Os cartazes alusivos à Constituição de 1976



Cartaz de alusivo à Constituição de 1976

Na coleção de cartazes do CDI, alusivos ao 25 de Abril, encontramos um pequeno conjunto de dedicado à Constituição Portuguesa, promulgada a 2 de abril de 1976. Com a entrada em vigor da Constituição, aprovada pela Assembleia Constituinte após as primeiras eleições gerais livres no país, definiram-se as linhas gerais do sistema político português atual. Elaborada num período pautado por uma forte radicalização política e revolucionária, esta foi considerada o documento fundador da democracia portuguesa, tentando conciliar as diferentes concepções ideológicas subjacentes ao processo revolucionário.

Vigorando até aos nossos dias, embora já com 7 revisões, a constituição de 1976 trata-se de uma legitimação do estado democrático, que restitui aos portugueses os direitos e liberdades fundamentais, após 48 anos sob ditadura. No preâmbulo da Constituição, são assegurados os enunciados

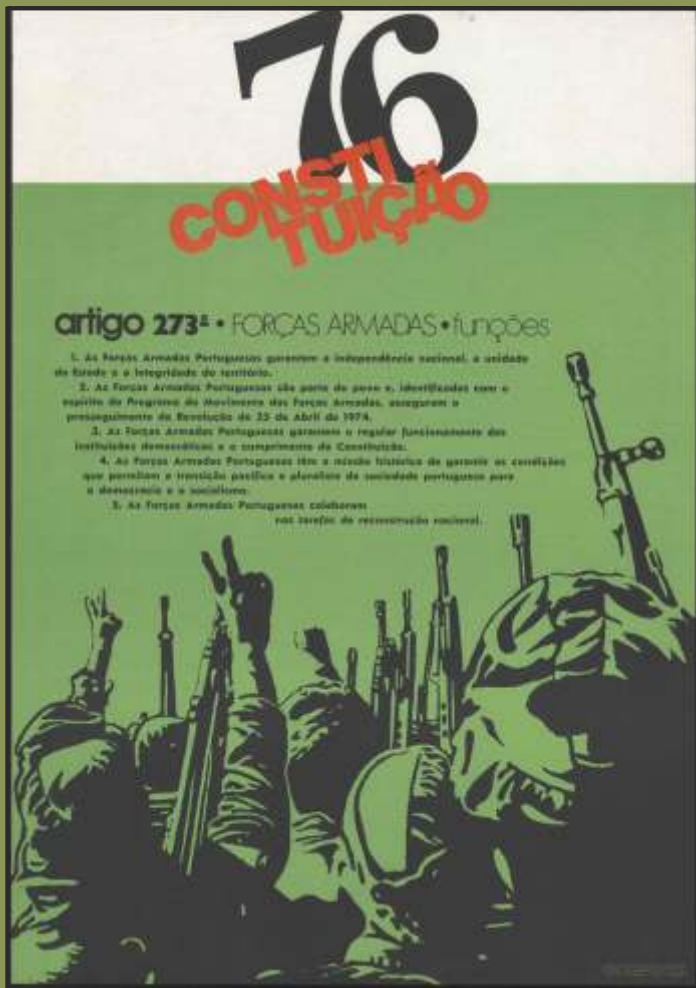
basilares da democracia:

«A Assembleia Constituinte afirma a decisão do povo português de defender a independência nacional, de garantir os direitos fundamentais dos cidadãos, de estabelecer os princípios basilares da democracia, de assegurar o primado do Estado de Direito democrático e de abrir caminho para uma sociedade socialista, no respeito da vontade do povo português, tendo em vista a construção de um país mais livre, mais justo e mais fraterno.»<sup>28</sup>

Estes cartazes, editados em 1976, tiveram como objetivo divulgar o texto da Constituição junto da população. Estes são ilustrados com representações da figura feminina da República, usando um barrete frígio, ou com desenhos de militares, e apresentam excertos do texto da Constituição. Os quatro cartazes que dispomos apresentam o preâmbulo da Constituição; o artigo 2, sobre o Estado Democrático e transição para o Socialismo (atual artigo designado por Estado de Direito Democrático); o artigo 9 - Tarefas Fundamentais do Estado; e o artigo 273, sobre as funções das Forças Armadas (atualmente revisto e designado de Defesa Nacional). Quatro destes cartazes foram editados pela Secretaria de Estado da Comunicação social - Direcção Geral da Divulgação e um deles pela Secção de Informação e Propaganda do PCP da Direcção Regional de Lisboa. São cartazes ilustrados com as cores identificadas com a nacionalidade portuguesa, vermelho e verde, apresentando manchas compactas de texto, que ocupam grande parte do grafismo, com excertos dos artigos da Constituição. O intuito destes cartazes é sobretudo pedagógico, servindo para melhorar a consciência política do povo, dando-lhe a conhecer os seus direitos e os deveres num estado democrático, que deve zelar pelos seus interesses e liberdades.

28 - Constituição da República Portuguesa VII Revisão Constitucional [2005]. [Consult. em 31-03-2015]. Disponível em WWW: <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Documents/constpt2005.pdf>.





Cartazes alusivos à Constituição de 1976



Cartazes na Secção de corkskin - novas linhas © EMS / CDI – António Silva, 1997

Além das ruas, os cartazes invadiram também outros espaços, ocupando o interior de edifícios, como estabelecimentos comerciais, lojas ou barbearias, refeitórios, sedes de partido, locais de assembleia, ou mesmo as fábricas, como foi o caso da Mundet, no Seixal.

Estes cartazes coloridos, com palavras de ordem e de militância emprestaram ao ambiente laboral um mote coletivo de luta, expressando valores de liberdade e justiça social, envolvendo os trabalhadores num propósito comum.

Nesta antiga fábrica corticeira do Seixal, sobrevivem ainda alguns vestígios dos cartazes da época, afixados nas paredes das oficinas, sobretudo na Secção de Corkskin- novas Linhas (papel decorativo). Nestas paredes são visíveis os primeiros exemplares de cartazes da época alusivos ao 25 de Abril, editados pela Câmara Municipal do Seixal, do início dos anos 80 do Partido Comunista Português, salientando-se

entre os cartazes, as figuras míticas de Lenine, Che Guevara, ou Salvador Allende, inspiradoras dos ideais revolucionários.

Além dos cartazes, também se fixaram em vários espaços da fábrica, algumas faixas produzidas pelos trabalhadores, com slogans de incentivo aos operários, como «25 de Abril Sempre», e «Viva o 31 de Maio: A luta continua»<sup>29</sup>. Destas faixas restam já poucos vestígios físicos das mesmas, tendo sido fixadas na memória através de imagem fotográfica, após a municipalização deste antigo espaço fabril.



Secção de corkskin - novas linhas © EMS / CDI –António Silva, 1998

29 - No dia 31 de Maio de 1974 os trabalhadores intervieram na gestão da empresa, organizados em comissões, tendo sido eleita uma Comissão Coordenadora e de gestão.

## 5. Os cartazes do 25 de Abril na Fábrica Mundet, Seixal



Aspetto dos cartazes fixados na Secção de corkskin © EMS / CDI –Rosa Reis, 1998



Vão de comunicação entre antiga oficina de quadrção e a secção de rebaixar © EMS / CDI – Fátima Sabino, 2007



Secção de corkskin - novas linhas © EMS / CDI –António Silva, 1997

## 6. Os cartazes comemorativos do 25 de Abril da Câmara Municipal do Seixal



Cartaz vencedor do concurso em 1981, de Eduardo Palaio

Nos primeiros anos da década de 80, a Câmara Municipal do Seixal promoveu alguns concursos de cartazes alusivos ao 25 de Abril, alguns dos quais chegaram a integrar exposições, em iniciativas comemorativas do aniversário da revolução.

No primeiro concurso, em 1980, promoveu-se a iniciativa junto da comunidade escolar do município, tendo sido o trabalho vencedor da responsabilidade de alunas da Escola Secundária de Amora, Marta Martins e Ana Maria Adagas, no qual representaram a figura de uma pomba branca e uma espingarda com um cravo vermelho colocado no cano.

Em 1981, o concurso foi anunciado nas páginas do *Boletim Municipal do Seixal*, onde constava o regulamento do mesmo. Este era aberto a todos os municípios do concelho do Seixal, sem distinção de idade, sexo ou profissão, as dimensões do cartaz deveriam oscilar entre os 50x70 cm, as cores utiliza-



Cartaz vencedor do concurso em 1982, de João Pedro Patriarca

das deveriam ser as municipais (verde, azul e amarelo) e todos os cartazes a realizar deveriam ter a inscrição «25 de Abril Sempre!». O trabalho vencedor foi publicado em cartaz e autocolante, sendo de autoria de Eduardo Palaio.

Em 1982, a Câmara Municipal do Seixal, através da Biblioteca Municipal, organizou uma exposição de cartazes do 25 de Abril, no âmbito das comemorações do 8º aniversário desta data, onde foram apresentados vários exemplares, incluindo os editados pelo MFA, cartazes de diversas organizações, autarquias, comissões organizadoras do 25 de Abril, onde se incluíram cartazes apresentados ao concurso desse ano. O vencedor em 1982 foi João Pedro Patriarca. Ao longo de 40 anos de democracia, foram muitos os cartazes editados ou promovidos pelas autarquias do Seixal alusivos ao 25 de Abril e às suas comemorações.

## 6. Os cartazes comemorativos do 25 de Abril da Câmara Municipal do Seixal

Alguns deles são fruto de parcerias da Câmara Municipal do Seixal, das Juntas de freguesias, das escolas ou do movimento associativo do concelho, ou mesmo editados através da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal.

Realizados através de concursos, de artistas locais, ou por gráficos da Câmara Municipal do Seixal com conhecimentos especializados, todos os cartazes foram concebidos sob um tema que deu o mote às comemorações desta efeméride. Destacamos entre os vários cartazes produzidos para esta ocasião, o do 30º aniversário da revolução, ilustrado com um trabalho realizado pelo artista plástico Manuel Cargaleiro, no qual apresenta as cores vivas de Abril.

Estes cartazes são documentos fundamentais que justificam só por si a sua apresentação ao público, por serem não só dotados de valor iconográfico, mas também por retratarem a história da liberdade vivida neste concelho, ao longo de quatro décadas.



Cartaz dos 30 anos do 25 de Abril,  
de autoria de Manuel Cargaleiro

## 7. Bibliografia

ALMEIDA, Sónia Vespeira – Camponeses, Cultura e Revolução: Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA (1974-1975). Lisboa: Edições Colibri, 2009. (A IELTSar se vai ao longe; 25).

ALMEIDA, Sónia Vespeira – “A caminhada até às aldeias: A ruralidade na transição para a democracia em Portugal”. Etnográfica. ISSN 0873-6561. N.º 11 (2007), p. 115-139.

BIBLIOTECA NACIONAL - 300 Anos do cartaz em Portugal. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1975-1976.

Boletim Municipal do Seixal. N.º 1 (Abr. 1975). Seixal : Câmara Municipal, 1975 - .

CAMILO, Eduardo J. M – O cartaz Partidário em Portugal (1974-1975). Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2004.

CARVALHO, Anabela et al. – “Cartazes numa Época em Mudança”. In LISBOA 94 – A Cor da Revolução. Lisboa : L. Capital Europeia da Cultura ; Milão : Electa, 1994.

COSTA, Orlando da – “A Cor da Revolução”. In LISBOA 94 – A Cor da Revolução. Lisboa : L. Capital Europeia da Cultura ; Milão : Electa, 1994.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS (Ed.) - 25 de Abril, 30 Anos, 100 Cartazes. Lisboa: Diário de Notícias, 2004.

“Incorporação de colecção de cartazes, doação de Francisco Madeira Luís”. Ecomuseu Informação. ISSN 0873-6197 . N.º 19 (Abr./Mai./Jun. 2001), p.12.

“O acervo documental do Ecomuseu e o legado de António Lopes Ferreira”. Ecomuseu Informação. ISSN 0873-6197 . N.º. 23 (Abr./Mai./Jun. 2002), p. 12-13.

PIMENTEL, Rui – “A Cor de Abril”. In MASCARENHAS, João Mário - A Cor de Abril, 1974-2004, 30º Aniversário do 25 de Abril. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Bibliotecas Municipais, 2004.

RODRIGUES, Sofia Leal – “Cartazes do 25 Abril”. Arte e Técnica. N.º2 (2001), p. 138-155.

SANTOS, Rosa - O Grafismo dos Cartazes Político-Partidários em Portugal 1969-1980. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, 2005. Dissertação de mestrado.

SEIXAL. Câmara Municipal - Cartazes de Abril: 1975 - 1982. Seixal: Câmara Municipal do Seixal, 1982.

TCHEN, Adelaide Ginga – “A arte Liberta de Vespeira”. História. N.º 23 (mar. 2000).

## 8. Sites consultados na Internet

Constituição da República Portuguesa VII Revisão Constitucional . [Consult. em 31-03-2015].  
Disponível em WWW: <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Documents/constpt2005.pdf>.

UNIVERSIDADE DE AVEIRO – Francisco Madeira Luís. [Consult. em 31-03-2015].  
Disponível em WWW: <http://www.ua.pt/sbidm/museu/PageText.aspx?id=11741>

